

O 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ZORRILLA DE SAN MARTÍN.

A 28 de dezembro de 1955 comemorou o povo uruguaio — modelar por suas virtudes republicanas e democráticas — o 1.º centenário do nascimento de Zorrilla de San Martín. Presente a esta grandiosa consagração, a cultura brasileira aderiu ao justo preito pela voz do ilustre parlamentar Dioclécio Duarte e pela minha, que sou o delegado da nossa Universidade Federal.

E' entusiástico e sincero o apóio americanista da nossa Pátria ao júbilo da República Oriental do Uruguai, que vê em Zorrilla de San Martín o seu bardo nacional, o seu grande historiador de Artigas, o seu tribuno representativo por excelência e o seu intelectual que, ao lado de José Enrique Bodó, a simboliza melhor nas suas funções de país do Novo Mundo.

Poucas vêzes na História aparece um vulto completo como o de Zorrilla de San Martín. Espôso, pai, cidadão, jornalista, orador, advogado, poeta, parlamentar, *leader* católico, pensador, êste polígrafo genial nunca deu provas de fraqueza ou condescendência pecaminosa, nunca se afastou do seu dever de patriota, de americano e de homem religioso.

Em Zorrilla de San Martín, o cidadão no lar e nas assembléias não é inferior ao elegante estilista, nem ao impetuoso tribuno que arrebatava multidões. Espêlho de honestidade, correto e coerente, unia a sua existência privada à pública, como reflexo único do seu ardoroso e imperturbável catolicismo. Sabe-o perfeitamente a sociedade da sua terra, e nas homenagens de 28 de dezembro de 1955 o seu caráter ímpoluto foi tão aplaudido quanto o talento que revelou em *La Leyenda Patria*, em *Tabaré*, em *La Epopeya de Artigas*, em *Conferencias y discursos*, em *Resonancias del camino*, etc.

Zorrilla de San Martín, desde a sua mocidade, sempre revelou qualidades morais e altitude intelectual de notável saliência. O seu êxito definitivo, conquistou-o em 1879 com a vitória estrondosa de *La Leyenda Patria*, hino excelso à liberdade do povo uruguaio que se transformou no mais querido dos cantos nacionais. Hoje, nas escolas, nos lares, nas praças, nos templos, onde haja vibração cívica, êsse poemeto cheio de inspiração nobilíssima retumba, eletrizando os ouvintes.

Não o considerava Zorrilla de San Martín, esteticamente, trabalho acabado de lima e buril. Corrigiu-o, aperfeiçoou-o, mas dizia que o tinha em conta de ato social, mais do que de literatura.

De qualquer sorte, nenhum o vence, nas Américas e na Europa, por seu tremendo condoreirismo, por sua incomparável energia, que gera decisões, por tanto patriotismo sem prosaicas vulgaridades. Pode não exteriorizar requintes escolásticos, refinamentos sintáticos, porém emociona e comove, arrastando o povo a altos feitos e ideais.

La Leyenda Patria não fica dentro de regrinhas e convenções passageiras, que a subordinem aos caprichos da moda; é voz profunda de tôdas as aspirações da nacionalidade uruguaia. Nela há rugidos de justiça e de liberdade, juramentos de indômita decisão pela autonomia da raça dos *Trinta e três*:

“Es la voz de la Patria... Pide gloria
Yo obedezco esa voz”.

Já nos seus candentes acordes ondula a oração tribunícia, palpita o período para ser recitado em palcos ou a céu aberto. Assim, Zorrilla de San Martín esculpturou *La Leyenda Patria*, não sutil e docemente, mas com o férreo estro dos discursos de Fichte aos alemães.

Anos depois, o orador em versos mostra ao Novo Mundo que também possuía delicadezas de sensibilidade, estesia à Gustavo Adolfo Bécquer e à Ossian. E' quando, alteiando-se ao nível de Alonso de Ercilla, de Ariosto, de Camões, de Hugo, de Mistral, de Verdaguer, publica o *Tabaré*, o primeiro em qualidade dos poemas indigenistas do mundo.

Tabaré é um romance em versos lírico, é uma história novelesca em suaves ritmos elegíacos, cujo enrêdo prende e entenece sem fantasias mentirosas, sem incongruências ou disparates anti-históricos. Zorrilla de San Martín trata do choque dos bárbaros charruas com os cristãos espanhóis no Uruguai. O herói que nos apresenta é um mestiço, um impreciso caso de reminiscências brancas na vida real de um selvagem. Possível. Não absurdo.

Nenhuma das velhas classificações literárias serve para *Tabaré*. Tem êle do épico, às vêzes. Tem do elegíaco, se encara o desaparecimento da tribo que não trouxera consigo senão o destino animal de passar. Tem quase sempre do mais esvoaçante lírico, um simbolismo que nada se parece ao da escola simbolista. O certo é que Zorrilla de San Martín sintetizou todos os recursos e tendências, aproveitando-os no poema emocional que cinzelou, livre de compromissos com as convenções dos compêndios didáticos.

Na forma de *Tabaré* acentua-se o gôsto das neblinas, das nuvens, das imprecisões que sugerem, um misto de Ossian e Gustavo Adolfo Bécquer. De um, o mistério, o vago, não o lúgubre. De outro, a meiguice lírica, tão fugitiva, tão pura.

Zorrilla de San Martín conseguiu o prodígio de manter o poético por tôdas as estrofes do longo poema, evitado o pedestre que, aqui e ali, mancha outras obras-primas de parecida extensão. *Tabaré* não descai, não rasteja nestas síncopes da inspiração. A experiência romântica, a técnica do drama e da novelística, durante o século XIX, tudo, tudo lhe favoreceu a “narrativa musical”, o conto sem descrições. Este é o seu segrêdo: não enunciar; sugerir apenas.

Zorrilla de San Martín não pensou jamais em reformas do íntimo do verso espanhol e da estrofe. Sua alma era, entretanto, de tal modo harmoniosa e elevada, que o fêz, involuntário. Isto justifica o ter Venturosa García Calderón incluído o estilo poético de *Tabaré* entre os dos predecessores de Rubén Darío; e Raúl Montero Bustamante haver demonstrado os seus espontâneos rasgos simbolistas antes de Verlaine.

Abundam em *Tabaré*, a punhados, conceitos metafóricos e símbolos originais, descontornados, indefiníveis. A todo instante deparam-se-nos, nas suas estrofes poéticas, êsses indiretos meios de insinuação artística:

Résurrección de voces extinguidas,
extraño acorde que en mi mente suena.

Extraña y negra noche! Dónde vamos?
Es esto cielo, o tierra?
Es lo de arriba? Lo de abajo? Es lo hondo,
sin relación, ni espacio, ni barreras...

Como estrofas de un himno bosquejado,
o gérmenes de auroras e de estrellas...

Palabras de un idioma indefinible
que no han hablado las humanas lenguas...

Hay sonrisas posadas
entre los puros labios entreabiertos
de un invisible coro, que, en el aire,
bate a compás las alas en silencio.

Cierra los ojos, para ver más lejos.

Un grito, articulado en el vacío,
que muere sin nacer, que a nadie llama...

No se siente pasar un solo ensueño;
nada invisible por los aires anda...

Constantemente, de princípio a fim, *Tabaré* ostenta uma adjectivação e adverbiação rica em sugestivas comparações, em sutis, emocionais efeitos de lídima estesia.

Meu dileto e culto amigo Dioclécio Duarte apresentou à Câmara dos Deputados projeto que dá ao Poder Executivo recursos para a impressão da minha obra *Zorrilla de San Martín no primeiro centenário do seu nascimento*, livro de assídua pesquisa e crítica positiva. Se fôr custeada a edição dêste trabalho, os estudiosos poderão nele ver os capítulos de estatística e interpretação que dediquei aos têrmos predominantes e essenciais (adjetivos e advérbios) de poema-novela de Zorrilla de San Martín: *obsuro, imposible, extraño, vago, disperso, indefinible, flotante, misterioso, arcano, disuelto, estumado*, etc.

Na frase, a conjugação de substantivos e verbos igualmente sussurantes e imprecisos (*lo absoluto, lo inaudito, lo obscuro, tiniebla, tumba, abismo, quejido, cimbrar, balancear, resbalar*, etc.) com aquêles adjetivos e adequados advérbios formando sugestões poéticas, é o que caracteriza o estilo de *Tabaré*.

Não é razoável esquecer que esta obra de Zorrilla de San Martín, como indigenista, não empalidece diante das melhores de Longfellow, José Joaquim Pérez, Salomé Ureña de Enríquez, Esteban Echeverría, Gonçalves Dias...

E' curioso apontar a circunstância de ser, em geral, a literatura sôbre os amerígenas menos poética entre os povos sem índios, pois nos de índios vivos e verdadeiros ela pende para o realismo. Fôsse Zorrilla de San Martín mexicano, guatemalense, peruano, não uruguaio, e os seus quadros relativos aos desaparecidos charruas nunca encerrariam a forte dose de boa imaginação que lhes é peculiar. Da tribo nômade, pouco cheirosa, violenta, restou exclusivamente a lendária bravura, a saudade de um povo líquidado sem remédio.

Cristão, pergunta Zorrilla de San Martín por que estava condenado à morte a gente charrua. Chora-lhe o destino. Entretanto, não cai no ridículo de superpô-lo ao branco civilizado, que lhe quis dar a doutrina de Jesus Cristo, apesar de tudo. E' com tal equilíbrio que *Tabaré* se levanta acima dos bardos que cantaram o índio belo, generoso, limpo, leal!...

De *Tabaré* ao vôo da *La Epopeya de Artigas*, Zorrilla de San Martín dispersou-se em discursos, conferências, artigos, ensaios, polémicas, que estão atualmente em tomos numerosos: *Resonancias del camino, Huerto cerrado, Conferencias y discursos*, de 1896, de 1900, de 1905.

Em 1907 foi incumbido oficialmente de escrever um livro de história a respeito de Artigas, memória que surgiu no ano de 1910. Imprimiu-se, aumentada, em dois volumes, na cidade espanhola de Barcelona. Chamou-lhe *La Epopeya de Artigas*, que é para o Uru-

guai o que, para a Argentina, é *Facundo*, ou, para o Brasil, *Os Sertões*.

Todos os dotes exigíveis a um autor nacional, representativo, todos revelou Zorrilla de San Martín na *Epopéya de Artigas*. Forma potente, variada, cálida, exemplar, linguagem correta, fluentíssima, fundo suculento e bravo, que lhe falta?

Sem Artigas, não é possível ardor cívico e emancipação política no Uruguai. Sem *La Epopeya de Artigas*, não podemos sentir a personalidade marcante do herói oriental. Sem Zorrilla de San Martín, nunca contemplaríamos com admiração o retrato do gaúcho libertador em páginas insuperáveis.

Zorrilla de San Martín e a sua pátria fundiram-se num só organismo inseparável. Ninguém concebe o Uruguai sem Artigas, nem Artigas sem o autor daquela vasta epopéia em prosa.

Já transformado em vulto simbólico, Zorrilla de San Martín não descansa e lança em 1924 *El sermón de la paz* e em 1928 *El libro de Ruth*.

São considerações filosóficas sôbre as mudanças da idéia de patriotismo, de acôrdo com o ideal cristão de concórdia humana, pela imposição do progresso técnico, e ensaios de estética escritos por um católico integral.

Como homenagem à sua memória aparece, num tómo em papel bíblia, tôda a produção e correspondência de Zorrilla de San Martín. Fêz-se na Espanha. Imprimiu-a o editor Aguilar, de Madrid. Está aí o material das obras completas que publicara o Banco da República Oriental do Uruguai e muitas, muitas das páginas que deixou esparsas ou inéditas.

Zorrilla de San Martín, a 28 de dezembro de 1955, por êste volume da sua produção intelectual, ilumina os caminhos do Uruguai próspero e livre, enquanto une os países americanos pelo espírito. O seu nôme é farol do bem e da fraternidade.

SÍLVIO JÚLIO

da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro).